

AS TIRINHAS DE ARMANDINHO: UMA RELAÇÃO DE AMOR E ÓDIO ENTRE *LOVERS* E *HATERS*, ATRAVÉS DA *FANPAGE* HOMÔNIMA

Eber Fernandes de Almeida Júnior – UFF/Cederj¹

Giselda Maria Dutra Bandoli – IFF²

José Ignacio Ribeiro Marinho – UFJF³

Katiane da Silva Purificate Goulart de Souza – UFF/Cederj⁴

RESUMO: Este artigo é ancorado em revisão de literatura, apresentando, de forma condensada, análises de três tirinhas que contêm o personagem Armandinho – criado em outubro de 2009, pelo cartunista catarinense Alexandre Beck –, publicadas na rede social digital *Facebook*, por meio da *fanpage* homônima ao personagem, que pode ser acessada pelo seguinte endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/?epa=SEARCH_BOX>. Tem como questão problema a propagação de tirinhas do personagem Armandinho, na rede social digital *Facebook*, por meio da *fanpage*, assim como a relação entre *lovers* e *haters* no ambiente digital. Seu objetivo geral consiste em uma observação reflexiva de comentários entre *lovers* e *haters* frente a três tirinhas publicadas em tal espaço virtual. Em síntese, a escolha por tal abordagem temática manifestou-se em meio a uma série de reflexões que se tem feito entre dois territórios bastante profícuos: literatura e tecnologia.

Palavras-chave: quadrinhos; novas tecnologias da informação e da comunicação; tirinha; Armandinho.

INTRODUÇÃO

Na última década, em particular, nota-se que o gênero textual tirinha – de natureza híbrida, dado que transita entre as esferas artístico-literária e jornalístico-midiática –, pertencente ao sistema dos quadrinhos, tem sido altamente compartilhado nas redes sociais digitais, como o *Facebook*, o *Instagram* e o *Twitter*, a título de exemplificação.

Em meio a tal contexto, aparece o personagem Armandinho, criado há uma década pelo cartunista catarinense Alexandre Beck. É imprescindível assinalar que o personagem não “nasce” no ambiente digital; contudo, migra da imprensa escrita para este.

O presente artigo aborda as tirinhas de Armandinho, assim como a relação de amor e ódio existente entre *lovers* e *haters*, através da *fanpage* homônima ao

¹ Graduado em Letras, pela Universidade Federal Fluminense.

² Mestra em Cognição e Linguagem, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Especialista em Literatura Brasileira, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola, e em Língua Portuguesa, pela Faculdade de Filosofia de Itaperuna. Graduada em Letras, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola. Professora de Língua Portuguesa no Instituto Federal Fluminense.

³ Mestrando em Letras, pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Especialista em Letras, pelo Centro Universitário São José de Itaperuna. Graduado em Letras, pelo Centro Universitário São José de Itaperuna. Professor de Língua Portuguesa nas prefeituras de Cambuci/RJ e de Itaperuna/RJ.

⁴ Graduada em Jornalismo, pela Fundação São José. Graduanda em Letras, pela Universidade Federal Fluminense.

personagem. Trata-se, a princípio, de uma pesquisa ancorada em revisão de literatura, para, posteriormente, aprofundar-se na observação da *fanpage*, na rede social digital *Facebook*, que se tem mostrado uma ferramenta profícua

Para a elaboração deste trabalho, recorreu-se aos estudos de Cassol (2017), Fiorin (2016), McCloud (2005), dentre outros.

Tal pesquisa tem por finalidade o apontamento de conexões entre literatura e tecnologia, com ancoragem na observação do gênero textual tirinha, que é, em tese, concernente à esfera artístico-literária.

1. Uma breve reflexão acerca dos gêneros textuais que compõem o sistema dos quadrinhos e das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação

A princípio, assinala-se que os gêneros textuais concernentes ao sistema dos quadrinhos (caricaturas, cartuns, charges, gibis, histórias em quadrinhos, mangás, tirinhas, dentre outros) possuem, ao que tudo indica, mais de um século de existência (datando, inicialmente, do tempo das cavernas).

Conforme McCloud (2005, p. 141),



Consoante Vergueiro (2018, p. 08),

O homem primitivo, por exemplo, transformou a parede das cavernas em um grande mural, em que registrava elementos de comunicação para seus contemporâneos: o efeito de uma caçada bem-sucedida, a informação da existência de animais selvagens em uma região específica, a indicação de seu paradeiro etc.

Apesar de tanto tempo de criação, destaca-se que esse rol de gêneros textuais específicos do sistema dos quadrinhos ainda encantam e seduzem muitos leitores na contemporaneidade, dado que costumam, grosso modo, ser acessíveis economicamente, assim como costumam ter uma linguagem de fácil compreensão.

Hodiernamente, ressalta-se que tais gêneros textuais inerentes ao sistema dos quadrinhos são confeccionados e disseminados com assiduidade por meio de redes sociais digitais, *Facebook*, *Instagram*, *Linkedin*, *Tumblr*, *Twitter*, *WhatsApp* e *Youtube*, a título de exemplo.

Acerca disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em homologada em dezembro de 2017, apresenta a seguinte reflexão:

Há que se considerar, ainda, que a cultura digital tem promovido mudanças sociais significativas nas sociedades contemporâneas. Em decorrência do avanço e da multiplicação das tecnologias de informação e comunicação e do crescente acesso a elas pela maior disponibilidade de computadores, telefones celulares, *tablets* e afins, os estudantes estão dinamicamente inseridos nessa cultura, não somente como consumidores. Os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil. Por sua vez, essa cultura também apresenta forte apelo emocional e induz ao imediatismo de respostas e à efemeridade das informações, privilegiando análises superficiais e o uso de imagens e formas de expressão mais sintéticas, diferentes dos modos de dizer e argumentar característicos da vida escolar (BRASIL, 2018, p. 59).

De acordo com Xavier (2017, p. 17), “Com o avanço da tecnologia, a sociedade torna-se mais visual e, com isso, a compreensão da relação palavra-imagem adquire cada vez mais importância”.

Assim sendo, pode-se afirmar que as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs), sobremaneira, auxiliam na confecção, assim como na disseminação dos gêneros textuais intrínsecos ao sistema dos quadrinhos, já que, grosso modo, intervêm de uma maneira significativa na relação verbo-visual destes. Ao se encontrarem no suporte digital, os gêneros textuais relacionados ao sistema dos quadrinhos exigirão, de modo geral, um olhar atencioso por parte de seus usuários digitais.

Em conformidade com Cirne (2000, p. 25-26),

Desse modo, renovando a nossa maneira de ver determinados discursos e/ou projetos artísticos e literários, reinventando a leitura. E os quadrinhos, mais do que o cinema, mais do que o vídeo (mesmo o vídeo que existe como videoarte), mais do que a televisão, investe na possibilidade de uma leitura radical. E o que vem a ser leitura radical? Aquela leitura que se dá, ao mesmo tempo, de forma múltipla e simultânea, que constrói a sua temporalidade específica no interior da narrativa que, se de um lado é a narrativa proposta pelo autor, do outro é a narrativa mentalmente trabalhada pelo leitor.

Ancorando-nos na Base Nacional Comum Curricular, os gêneros textuais vinculados ao sistema dos quadrinhos, por disporem de diversificados mecanismos artísticos, gráficos, linguísticos, multissemióticos e visuais, à guisa de demonstração, exigirão de seus leitores “Identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas e formatação de imagens (enquadramento, ângulo/vetor, cor, brilho, contraste) [...]”.

Na modernidade, tendo como cerne as redes sociais digitais, observa-se que um gênero textual específico do sistema dos quadrinhos, a tirinha, tem sido criado e propagado assiduamente. Em meio a tal gênero, surge uma personagem infantil, deveras singular (assim como Calvin e Mafalda), Armandinho.

Dessa feita, a próxima seção abordará, sinteticamente, tal personagem, bem como seu criador. Posteriormente, três tirinhas serão analisadas, tendo como base o personagem dentro do universo dos quadrinhos, na rede social digital *Facebook*.

2. A tirinha *Armandinho* e seu impacto na rede social digital *Facebook*

2.1 Conhecendo criador e criatura



Disponível em: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

O questionador menino de cabelos azuis, Armandinho, nasceu na imprensa escrita, em outubro de 2009, mais precisamente no “Jornal Diário Catarinense”, após terem sido solicitadas ao cartunista e ilustrador, Alexandre Beck, algumas tirinhas para uma matéria sobre economia familiar, envolvendo pais e filhos. O sucesso foi instantâneo e Armandinho (que está sempre “armando” alguma coisa) tornou-se fixo a partir do ano seguinte. Ao migrar para a internet, popularizou-se, alcançando atualmente mais de um milhão de seguidores em sua *fanpage*, no *Facebook*.

O sucesso nacional se deu em janeiro de 2013, após a tragédia de Santa Maria, residência de Alexandre, quando uma tira em homenagem ao acidente foi compartilhada muitas vezes. A partir daí, o personagem dos quadrinhos que ilustrava apenas os jornais Diário Catarinense e Hora de Santa Catarina virou o quadrinho brasileiro mais compartilhado nas redes sociais (CASSOL, 2017).



Disponível em: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

Agrônomo, ativista ambiental, jornalista e publicitário, Beck, em entrevista ao “Jornal da Cidade”, de Uberaba/MG, falou sobre o retorno que obtém dos leitores de seu trabalho, principalmente na internet:

Há vários relatos e depoimentos. As tiras podem ajudar a refletir, motivar e trazer mais informações, mas quem faz a mudança é a pessoa. Eu – como autor – por buscar informações, pensar e repensar enquanto faço as tiras, com certeza tive, e continuo tendo, grandes mudanças. [...] Em geral, a vida de adulto é difícil. Em parte, por nossa responsabilidade. Envolvidos por compromissos e na luta por satisfazermos as cobranças da sociedade, deixamos de questionar, de nos encantar, de perceber outros caminhos e de apreciar a beleza do simples. Penso que as crianças possuem isso. Talvez a vida nunca se torne fácil, mas talvez possamos torná-la mais leve (BECK *in* MINARÉ, 2014).

2.2. Armandinho: entre *lovers* e *haters*

O percurso gerativo de sentido, discutido pelo linguista José Luiz Fiorin, no livro *Elementos de Análise do discurso*, traz com ele a noção de conteúdo e semântica, aspectos essenciais ao tratarmos de um personagem de tirinha que, através de um olhar infantil, aborda o cotidiano, as inquietações da vida, enfim, o mundo que o rodeia. Com

Armandinho, compreendemos, principalmente no nível da manifestação, a associação do plano de conteúdo com o de expressão, aliados aos reflexos sentidos pelo público leitor.

O percurso gerativo é um modelo que simula a produção e a interpretação do *significado, do conteúdo*. Na verdade, ele não descreve a maneira real de produzir um discurso, mas constitui, para usar as palavras de Denis Bertrand, “um simulacro metodológico”, que nos permite ler um texto com mais eficácia. Esse modelo mostra aquilo que sabemos de forma intuitiva: que o sentido do texto não é redutível à soma dos sentidos das palavras que o compõem nem dos enunciados em que os vocábulos se encadeiam, mas que decorre dos elementos que o formam – que existem uma sintaxe e uma semântica do discurso (FIORIN, 2016, p. 44).

Para o leitor do gênero textual tirinha, a compreensão semântica dará a ele condições de assimilar e, trazendo para o campo da livre expressão que é o *Facebook*, externar suas opiniões, concordantes ou discordantes da visão da criança dos quadrinhos.

Tomemos como primeiro exemplo o *repost* de 1 de outubro de 2019, de uma tirinha na *fanpage* do personagem, publicada em 27 de setembro do mesmo ano. Nele, Armandinho, acompanhado de seu sapo de estimação, caminha e chega a uma placa onde percebe dois caminhos: punir e educar, sendo o primeiro mais curto e o segundo bem mais longo.



Disponível em: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

Nos comentários, temos interpretações diversas da questão. Logicamente, os *lovers* (amantes) dos posicionamentos em Armandinho são em número superior aos *haters* (odiadores). Em meio a dezenas de comentários de apoio como: "esse caminho de 2km leva para um precipício", "sempre haverá um 'fora' de sintonia, achando que o medo ensina", "o caminho mais curto nem sempre é o melhor" e "educar, explicar, ensinar, dialogar, mostrar através de exemplos... estas são as melhores formas de auxiliar na formação de um ser humano capaz de usar de empatia e respeito ao próximo"; encontramos também interpretações como: "a Igreja ensinou a punir, confessar e fazer penitência", "punir faz parte da educação, é necessário a educação" e "isso, vão criando crianças podendo fazer tudo sem limites, sem punição, o resultado disso já vemos no dia a dia de crianças e adolescentes malcriados, que não respeitam ninguém".

O segundo exemplo é uma postagem de 29 de setembro de 2019 na qual, em uma aula de História do Brasil, há um estranhamento do garoto em face à versão unilateral do descobrimento de nosso país.



Disponível em: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

Em meio aos comentários desse post com mensagens de apoio aos índios, considerados os verdadeiros descobridores do Brasil, houve sarcasmo ("versão dos índios: "quando cheguei aqui era tudo mato" e "tem a versão dos índios sempre! Mas depende de qual lado o índio está, né?..."), além de um intenso debate entre três perfis da rede social digital:

A – Uai, pede pra eles contarem! duvido terem registro, seja qualquer que seja. Provavelmente vão dizer que um índio guerreiro morreu afogado, o rio q ele morreu secou virou terra e deram o nome de Brasil.

B – Ele tá fazendo uma crítica ao fato de sempre retratarem os portugueses como heróis colonizadores, quando na versão original, são assassinos de índios, invasores e exploradores de terras. Mas pelo visto, nem tdo mundo consegue compreender isso com clareza, né?

A – Não, ele falou q quem descobriu o Brasil foram os índios e de fato foram eles os primeiros, mas nunca tiveram consciência disso, não tinham noção de propriedade, nação, sua cultura não remetia a isso. Agora pergunto, já pensou em pleno 2020 estivéssemos vivendo a cultura indígena, tendo em vista q a cultura branca é tão nociva?

B – Vc foi o único que chegou a essa conclusão. É mto fácil simplesmente dizer que os índios eram ingênuos, que não tinham noção de propriedade, etc... Assim como dizem a msm coisa dos povos africanos. A culpa nunca é do branco, né? A culpa é de todo mundo, menos dos europeus que chegaram invadindo, matando, espalhando doenças, destruindo e explorando o meio ambiente...

A – Preço pago pela civilização, tenho ascendência indígena por bisavó, e te digo prefiro a vida q levo, do que estar no meio do Mato com pouca roupa. Há de se respeitar a cultura passada, mas tudo evolui, se não teríamos até hj, incas, astecas e maias matando crianças e virgens em prol do Deus sol

C – Na Europa pessoas condenadas eram enforcadas ou guilhotinadas, isso ainda acontece? Mulheres queimadas em fogueiras por serem "bruxas", ainda temos isso?

As culturas mudam ao longo do tempo, é uma prepotência enorme você, sem formação nenhuma na área, afirmar como estaríamos sem a invasão dos portugueses e o genocídio dos povos que aqui viviam. Indico o primeiro episódio de "Guerras do Brasil", tem na Netflix.

A – Creio tbm na evolução, incas, astecas e maias existem ainda? E olha que as contribuições das mais vastas áreas do conhecimento não foram poucas! Tudo evolui, e o q é fraco fica pelo caminho. (sic)

Por fim, não poderíamos deixar de citar a polêmica tirinha publicada no “Jornal Zero Hora”, que gerou uma nota de repúdio da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, e cuja postagem no *Facebook* em 16 de novembro de 2018 e seu *repost* no dia 09 de abril de 2019 alcançou quase 50 mil reações, bem como centenas de comentários.



Disponível em: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

Entre mensagens de apoio e compartilhamento de histórias pessoais de racismo, houve ameaças à integridade física e à vida de Alexandre Beck, autor da tirinha, que se assustou com a repercussão do caso:

Não foi a primeira vez [que critiquei o sistema]. Mas eu estava com um mau pressentimento de que pudesse acontecer alguma coisa. Para mim é algo novo no sentido de que a reivindicação contida na tira, aquela voz, é uma voz muito fora da minha realidade. Eu sou branco. Mas é uma voz que por conta desse trabalho com tirinhas que permite expressões críticas da realidade, de pessoas que fui conhecendo, da convivência com movimentos sociais, eu passei a ouvir coisas que me soavam muito estranhas. A tirinha não é ofensiva, não creio que seja ofensiva para ter uma reação desse jeito. Ela mostra uma realidade que não é a minha, mas que tem pessoas próximas a mim que vivem. São pais, por exemplo, preocupados em ensinar seus filhos a se comportar quando estão na presença de agentes de segurança do Estado. Eu sempre fui instruído pelos meus pais a buscar um guarda e associar a polícia a segurança. Eu conheço muita gente da polícia. O que quero dizer é que é uma voz que eu não conhecia e acho, agora, conhecendo, é uma coisa que precisa ser discutida urgentemente. (...) São muitos anos fazendo tirinha, acabei adquirindo confiança sobre o que eu posso colocar ou não, mas acho que vou ter que rever isso (BECK *in* CRUZ, 2018).

CONCLUSÃO

Mediante pesquisa bibliográfica, neste artigo investigou-se os efeitos decorrentes do relacionamento entre autor, tirinha e leitor propiciados pelo uso de *fanpage* na rede social digital *Facebook*. Consequentemente, constatou-se a possibilidade de fenômenos de ordem artístico-literária a serem analisados no contexto digital.

Expôs-se, previamente, o trajeto dos meios de comunicação dos quais provêm os gêneros textuais pertencentes ao sistema dos quadrinhos, até o momento em que, com o advento das tecnologias da informação e da comunicação, e, principalmente, das redes sociais digitais, criações enquadradas no grupo supracitado tornaram-se mais acessíveis.

Posteriormente, o gênero *tirinha* foi ilustrado a partir da obra de Alexandre Beck, *Armandinho*, para cotejo. Além de um levantamento da história do autor e do surgimento da tirinha, como a passagem do suporte jornalístico-impresso para o midiático-virtual, foram evidenciadas as reações, sejam de quaisquer naturezas, na *fanpage*.

O desagrado por parte de um grupo considerável e a contrarreação do autor afirmando o sentimento de intimidação, no mesmo ano, demonstram tanto a instantaneidade e a velocidade da informação quanto o impacto concreto do relacionamento virtual circundante às tirinhas *Armandinho* na realidade social e política.

REFERÊNCIAS

- ARMANDINHO. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>>. Acesso em: 10 out 2019.
- BECK, Alexandre *in* CRUZ, Maria Teresa. **‘Me senti intimidado’, diz Alexandre Beck, autor de tirinha que incomodou a PM. 2018**. Disponível em: <<https://ponte.org/me-senti-intimidado-diz-alexandre-beck-autor-de-tirinha-que-incomodou-a-pm/>>. Acesso em: 08 out 2019.
- BECK, Alexandre *in* MINARÉ, Isabel. **Conheça o "pai" do Armandinho**. Jornal da Cidade. Uberaba/MG: set 2014. Disponível em: <<http://www.jcuberaba.com.br/noticias/entrevista/4729/conheca-o-34-pai-34-do-armandinho/>>. Acesso em: 09 out 2019.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Consulta Pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2019.
- CASSOL, Gherusa. **O Armandinho vem até a URI.2017**. Disponível em: <<http://www.fw.uri.br/site/noticia/3800/o-armandinho-vem-ate-a-uri>>. Acesso em: 09 out 2019.
- CIRNE, M. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 15 ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- Incêndio da boate Kiss, em Santa Maria (RS): Disponível em: <<http://www.jcuberaba.com.br/noticias/entrevista/4729/conheca-o-34-pai-34-do-armandinho/>>. Acesso em: 10 out 2019.
- MCCLLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda, 2005.
- Outras: Disponível em: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>>. Acesso em: 04 out 2019.
- VERGUEIRO, V. Uso das HQs no ensino. In: BARBOSA, A.; RAMOS, P.; VILELA, T.; RAMA, A.; VERGUEIRO, V. (orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2018.
- XAVIER, G. K. R. S. **Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade**. Volume 10. Número 2. Dezembro/2017. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2018/01/Artigo-Glayci-Xavier.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2019.